

Segunda-feira, graças a Deus – A relação entre fé e trabalho

VOCAÇÃO

Só é possível entender a perspetiva bíblica do trabalho se entendermos o significado de VOCAÇÃO.

Vocação tem dois vetores:

- Direção centrípeta:
 - Chamados a ser, a ser filhos de Deus, à comunhão.
- Direção centrífuga:
 - Chamados para fora, a fazer, à missão.

Seja eu quem for, tenha o que tiver, faça o que fizer, sou chamado para Deus e para tomar parte da Sua obra.

Vocação não pode, pois, ser reduzido ao que fazemos, ao que fazemos bem, a ocupações clericais, a profissões, etc.

NOTA: vivemos num mundo em que se fala tanto em vocação, mas não há quem chame, ou melhor, sem se entender que alguém (no caso, um Deus pessoal) chama. Isto é uma das manifestações do absurdo (do latim *absurdus*, o que não ouve, surdo) logo, de uma vida carente de um sentido maior.

Assim, também o trabalho, o trabalhar, é resposta a este chamamento duplo: (1) para a comunhão com Deus, (2) para a missão.

Daí que o grande mandamento, o tal que, segundo Jesus o Cristo, resume toda a Bíblia, na versão do AT, em Deuterónimo 6:4-9, começa com «Ouve, Israel» («Shemá, Israel»). Sem ouvir o Deus de amor não há vocação, nem resposta a vocação, só temos absurdo e legalismo, ou pura religiosidade.

[Recomendação de livro: Os Guinness, *A Chamada [The Call]*, ed. portuguesa da Dikaion.]

TRABALHO – VIDA ATIVA: entre maldição e bênção

Trabalho: não apenas o que é remunerado. Inclui outras ocupações e voluntariado. No fundo, ocupação, vida ativa.

As etimologias de Trabalho:

Latina: do latim popular *tripaliare*, i.e., torturar com o *tripalium*, instrumento de tortura constituído por três paus.

Grega: *ponos*, pena, castigo. Existe outra palavra grega mais positiva *ergon* (obra, trabalho, produção) de onde deriva demiurgo (*demiourgoi*)- trabalhadores ao serviço do público.

A hipervalorização da vida ativa atualmente, a negação do ócio (negócio = *nec+otium*, negação do ócio)

A antiga superioridade do ócio. A antiguidade clássica.

Nota: a palavra grega antiga para escola, *skolê* = descanso, repouso, lazer, tempo livre do trabalho servil, livre para estudo. Passou para a língua latina como *Schòla*, *scholae* = lugar dos banhos, ocupação literária, aula, divertimento, recreio. O ensino da Gramática dos latinos era designado de *ludus literarius*, com a ideia de aprender ludicamente, de forma divertida.

Alguns “contemporâneos” elogios à preguiça:

“A Cigarra e a Formiga” dita por João Villaret;

Paul Lafargue (1883), *O Direito à Preguiça*:

«Uma estranha loucura se apossou das classes operárias (...) Esta loucura é o amor ao trabalho (...) levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo...»

Maria Alice Vila Fabião, “Apologia da Preguiça”, *Tempo Livre*, setembro 2000:

«Na realidade, a acreditar na exegese bíblica, o homem foi criado para gozar em **PREGUIÇA**, sem relógios nem prazos a cumprir, dos deleites do Jardim do Éden, onde o colocara o seu Criador. O **TRABALHO**, pelo contrário, foi a tortura, a pena perpétua, a que foi condenado pelo seu crime de desobediência ao Criador (...) Hoje, que, segundo Rémy de Gourmond, “atingimos tal grau de

estupidez que consideramos o trabalho não só honroso, mas inclusive sagrado, quando não é mais do que uma triste necessidade”, impor-se-ia que na lista se inscrevesse um novo pecado capital (o oitavo)- e uma nova virtude: “**Contra o TRABALHO, a PREGUIÇA**”.»

O TRABALHO NA BÍBLIA

Deus trabalhador: criação, sustento e restauração

O trabalho da criação

«No princípio criou Deus...» Gn. 1:1

Deus foi geólogo, zoólogo, botânico, jardineiro, lavrador, foi antropólogo, designer, etc. o que pudermos imaginar...

Onde o valor do trabalho mais se evidencia na criação do ser humano, onde foi artesão, oleiro (Gn. 2:7).

Três lições(entre outras):

- Deus criou em “dias da criação”. Uso, fora de contexto, a frase de Eugène Delacroix “Trabalhar não é só produzir obras, é também dar valor ao tempo”.

Dar valor é diferente de dar preço é diferente de reduzir tudo a “tempo é dinheiro”!
- A dessacralização da terra e dos céus – a natureza é criação, não é Deus;
- Ligado ao anterior: o universo é passível de ser conhecido. Foi criado por Deus com leis que podem ser estudadas; toda a verdade é verdade de Deus.

O trabalho de sustentação da vida

«Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também», João 5:17

Autonomia apenas relativa da natureza. Relativa porque, por um lado, Deus criou e dotou-a de leis; mas, por outro, Deus continua a operar, sustentando (*creatio continuata*). Aqui encontra-se um equilíbrio na relação (até hoje debatida) entre Razão (razão na natureza criada) e Vontade (ação livre de Deus, mesmo contra ou além da natureza).

Deus, mais músico e intérprete do que relojoeiro (contra o deísmo)... Assim como se o cantar parasse de cantar não havia música, se Deus parasse de sustentar o mundo e a vida não podiam subsistir.

Deus o curador - o trabalho de restauração num mundo “caído”

Como o pecado afetou e afeta a vida, o universo, o trabalho: Gen. 3:10 ss

Como a “queda” afetou o trabalho:

- Sofrimento, fadiga e frustração ...(Gn. 3:17-19), e isso não significa necessariamente que se trabalhou mal...
- O primeiro homicídio envolveu um problema laboral: conflito entre agricultor e pastor.. (Gn. 4:1-8)- quantos conflitos no trabalho, tensões, sofrimento...

A restauração na Fé de novos céus e nova terra onde o “trabalho” tem lugar:

«E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem.» Apocalipse 14:13

O trabalho criativo («obras» - *erga, ergon*)o que é empreendido para glória de Deus permanece, tem lugar no “céu”; o que não terá mais lugar é o trabalho -

ponos/tripalium, pois nos novos céus de nova terra o trabalho criativo não é dor, alienação, frustração.

Isaías 65:21-23:

«Porque, eis que eu crio céus novos e nova terra; e não haverá mais lembrança das coisas passadas, nem mais se recordarão (...)E edificarão casas, e as habitarão; e plantarão vinhas, e comerão o seu fruto.

Não edificarão para que outros habitem; não plantarão para que outros comam; porque os dias do meu povo serão como os dias da árvore, e os meus eleitos gozarão das obras das suas mãos. Não trabalharão em vão...»

Este texto mostra que mais uma vez o que cessará não é o trabalho, mas o sofrimento, a fadiga, a frustração. O trabalho será restaurado no seu propósito e dignidade.

O Homem trabalhador: chamado a tomar parte do trabalho de Deus

Vendo o que Deus está a fazer

«Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também (...)Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer o Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente» João 5:17-20

Duas lições:

- Relação entre “ver” = contemplar, escutar, orar e servir, ministrar, trabalhar = tornar visível (o que vemos Deus fazer):« Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.» Tiago 2:18
- Ter a “mente” de Deus sobre o trabalho e seu propósito.

Chamados a tomar parte do que vemos Deus fazer

«E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.

E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Doutrina da criação: Imagem de Deus

«Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

Não terás outros deuses diante de mim.

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.» Êxodo 20:2-4

Algumas lições sobre ser imagem e semelhança (imagem e semelhança são a mesma coisa):

- Ser imagem de Deus o criador é, desde logo participar do “ser pessoal”, não ser mera natureza, mera criação. Somos barro e somos limitados e nisso somos iguais `toda a criação somos criatura. Mas também somos “pessoa”, ser pessoal e esta característica nos faz semelhantes a Deus e diferentes de todo o resto da criação. Nesta personalidade entram vários aspetos: comunicação, liberdade, amor, unidade na diversidade, capacidade linguística, capacidade para o cultivo não só da terra mas também do “espírito”, ou seja, de transcender o mero plano da natureza (somos seres culturais)etc.
- Mas naquele tempo antigo as imagens representavam ídolos, deuses que as famílias, os clãs, os povos fabricavam, adoravam e sob cuja proteção se colocavam. As imagens representaram também, mesmo muito mais tarde (por exemplo durante a expansão imperial portuguesa)a soberania de um país no local, por exemplo através do uso de *padrões* de descobrimentos. O que isso significa é que Deus providenciou para Si na terra imagens que são os seres humanos, para que sejam vice-reis, representações e representantes do Rei e Senhor Deus Criador.

- Quando as pessoas criam para si ídolos não apenas ofendem Deus, mas também se diminuem na sua dignidade de seres humanos.

Por isso lemos em Salmos 115:2-8:

«Porque dirão os gentios: Onde está o seu Deus?

Mas o nosso Deus está nos céus; fez tudo o que lhe agradou.

Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens.

Têm boca, mas não falam; olhos têm, mas não vêem.

Têm ouvidos, mas não ouvem; narizes têm, mas não cheiram.

Têm mãos, mas não apalpa; pés têm, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta.

A eles se tornem semelhantes os que os fazem, assim como todos os que neles confiam.»

Na verdade, quem é que tem boca e fala; olhos e vê; ouvidos e ouve, nariz e cheira, mãos e apalpa, pés e anda, boca e fala? É o ser humano, criado para ser imagem de Deus. Ao criar ídolos o ser humano demite-se da sua responsabilidade e diminui a sua dignidade colocando-se abaixo de entidades que não são mais do que meros artefactos por si fabricados.

Doutrina da Criação: Trabalho e Mandato Cultural (para todo o ser humano, crente e não crente)

Somo, portanto, imagem, mas devemos ser (o que somos)!

Isto remete-nos para o fazer, desde logo para um mandato que Deus entregou a todo o ser humano e pelo qual Deus pedirá a todos contas e que o cristão é chamado a assumir com muito mais convicção e sentido de missão: o mandato cultural:

«E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.» Gênesis 1:26-28

O mandato cultural valoriza a técnica, os estudos, o trabalho, a investigação, a atenção aos tempos, o conhecimento do mundo. J. Stott, em “*Ouçá o Espírito, Ouçá o Mundo*” exortava os crentes a ter a bíblia numa mão, o jornal na outra. É bom lembrar I Crônicas 12.30-32: «E dos filhos de Efraim, vinte mil e oitocentos homens poderosos, homens de nome nas casas de seus pais. E da meia tribo de Manassés, dezoito mil, que foram apontados pelos seus nomes para virem fazer rei a Davi. E dos filhos de Issacar, duzentos de seus chefes, destros na ciência dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer, e todos os seus irmãos seguiam suas ordens.»; Moisés: Atos 7:22: «E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras.»

Recordemos ainda o primeiro GBU da história – Daniel, Ananias, Misael e Azarias (Daniel: 1-6) – e o empenho nos estudos universitários na “universidade da Babilónia”, estudando mesmo matérias que nada tinham a ver com a sua Fé e nalguns casos mesmo contrárias ou em desafio a essa Fé (certamente estudaram, por exemplo, ciências astrológicas/ocultas), embora tenham tido o cuidado, como Daniel, de colocar limites (decidiu não se contagiar com o manjar do Rei).

Doutrina da criação: Trabalho e “Sábado”

«E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito.

E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera.» Gênesis 2:2,3

«Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.

Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra.

Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.

Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.» Êxodo 20:8-11

Alguns significados e propósitos do *Shabat*:

- Significativo que o 4º mandamento esteja no meio, entre os mandamentos virados para o amor e adoração a Deus e os mandamentos destinados ao respeito e amor ao próximo;
- A 1ª vez que a palavra “santo”, “santificar” surge referida na Bíblia é aplicada ao Sábado;
- Toda a criação, incluindo os seres humanos, é finita e dependente de Deus;
- «Escuta, Israel, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.» (D. 6:4), ou seja, Há um só Deus e tu não és Ele;
- O sábado recorda-nos que Deus é soberano, bom e cuidador:

«Aquietai-vos, e sabeis que eu sou Deus (...)o Deus de Jacó é o nosso refúgio» Salmos 46:10-11
- Quando trabalhamos na dependência de Deus, com Ele, por Ele, para Ele o trabalho passa a ser um ato de adoração, *avodah* (palavra hebraica para trabalho e para adoração). Durante a semana adoramos servindo; no “Dia do Senhor” adoramos, confessando, agradecendo, louvando juntos. Por Isso o *Shabat* é como “construir uma catedral no tempo” (Abraham Joshua Heschel);
- Deus colocou a necessidade de descanso não só nos seres humanos, mas também na natureza. Dois movimentos, com os do coração: sístole (contração, esforço, trabalho, movimento centrífugo) e diástole (relaxamento, movimento centrípeto);
- Em Gn. 2:15 vemos os dois movimentos:

« E tomou o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar.»

Aqui temos a formulação mais antiga de “desenvolvimento sustentável”

- Após a “queda” no pecado o *Shabat* contribui muito mais ainda para fins sociais e ecológicos:

«Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas.» Êxodo 20:10

«Não perverterás o direito do teu pobre na sua demanda.

De palavras de falsidade te afastarás, e não matarás o inocente e o justo; porque não justificarei o ímpio.

Também suborno não tomarás; porque o suborno cega os que têm vista, e perverte as palavras dos justos.

Também não oprimirás o estrangeiro; pois vós conheceis o coração do estrangeiro, pois fostes estrangeiros na terra do Egito.

Também seis anos semearás tua terra, e recolherás os seus frutos;

Mas ao sétimo a dispensarás e deixarás descansar, para que possam comer os pobres do teu povo, e da sobra comam os animais do campo. Assim farás com a tua vinha e com o teu olival.

Seis dias farás os teus trabalhos, mas ao sétimo dia descansarás; para que descanse o teu boi, e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua escrava, e o estrangeiro.» Êxodo 23:6-12

Descanso da família, dos servos, dos mais vulneráveis, dos animais, da terra...

- O *Shabat* é um dom que nos permite parar para escutar e ouvir sobre quem somos - amados de Deus -, antes de sermos de novo enviados à nossa missão e à vida ativa. É como um anel de noivado que nos lembra do amor mútuo e do compromisso mútuo.

Trabalho num mundo caído: o ministério da restauração e cura

- O casamento entre técnica e milagre; entre restauração/cura com uso da técnica e ciência e, por outro lado, o milagre, a intervenção sobrenatural. Um exemplo: O cuidado público de saúde, de forma regular e, direi, institucionalizada, se iniciou no séc. IV com o cristão Basílio de Cesareia e as comunidades monásticas cenobitas, casando a fé cristã e judaica com a ciência médica grega, convertendo o ministério de cura do período cristão inicial – baseado nos milagres – num programa sistemático de cura e cuidado e numa base regular. Embora se diga que foi Cicely Mary Saunders (1918 – 2005) quem fundou em Londres o primeiro *hospice* ou hospital de retaguarda, para cuidado de doentes terminais, cuidados paliativos, a verdade é que os hospícios têm a sua origem já na idade média. Eram casas (centros) que abriam as suas portas aos peregrinos e onde se lhes prestavam acolhimento espiritual e material. Algumas ordens religiosas também abriam as suas enfermarias aos mais desfavorecidos, e aos moribundos. O nome [moderno] *hospices* foi dado, no século XIX, por Mary Aikenhead, fundadora das Irmãs Irlandesas da Caridade, aos centros por ela fundados para acompanhar os moribundos – que morriam frequentemente nas ruas, em extrema pobreza. Na mesma época, religiosas anglicanas criam dois hospícios de características semelhantes em Londres;
- Não cura total, mas “Cura Substancial” (F. Schaeffer), enquanto esperamos pela consumação dos séculos, neste período histórico entre a primeira e segunda vinda de Cristo, o tempo do “Já e Ainda Não” (Oscar Cullmann);

- Inversão escatológica: a ética no trabalho (como trabalhador, como patrão ou chefe, como estudante, como professor) devemos mostrar como se deve viver o trabalho, a ocupação, antecipando, ainda que de forma muito imperfeita, o que será no futuro;
- Não devemos encarar tudo sobre a perspetiva naturalista, antes devemos procurar viver (também o trabalho) na ótica do sobrenatural: a transfiguração de Jesus no monte Tabor, na Galileia, Mateus 17,1-8; Marcos 9,2-8; Lucas 9,28-36; Deus falando em hebraico com Saulo em Atos 26:14; a escada de Jacó Gênesis 28,11-19;
- Em vez de trabalhar para Deus, trabalhar com Deus: atos 13:2, 4; 16:6-7; 15:28. (necessidade de combinar técnica e discernimento espiritual);
- Num mundo caído onde Deus opera, somos chamados todos a ser «pastores», e usar as nossas profissões como ministérios pastorais, de cuidado: cuidando dos domésticos da fé, de nós mesmos, e de todos os que ainda são ovelha sem aprisco...
- Somos, recorrendo a Martin Heidegger, «pastores do ser». Quando Deus perguntou a Caim por Abel, Caim respondeu: “sou eu guardador do meu irmão?”. A resposta deverá ser, “sim, és guardador do teu irmão”.

Ou seja, a reposta não é: sou agricultor e não pastor, sou professor e não pastor, sou enfermeira e não pastora, sou advogado e não pastor.

Todos somos chamados a ser pastores onde quer que sirvamos, em toda a ocupação, em todo o trabalho. Muito poucos são chamados a ser pastores, pastoras, padres ou freiras. Se não formos todos pastores quem poderá cuidar. A ceara é grande e seriam poucos os ceifeiros.

«E vos darei pastores segundo o meu coração, que vos guiarão com conhecimento e discernimento» Jeremias 3.15

Os teus estudos preparam-te para ser pastor, cuidador, usar a tua profissão ou ocupação para cuidar de ti mesmo e do próximo. Enquanto estudante também és cuidador, pois essa é hoje a tua ocupação e chamada.

Minha alma é como um pastor,

Conhece o vento e o sol

E anda pela mão das Estações

A seguir e a olhar

(António Caeiro, Guardador de Rebanhos, parte I)

Trabalho e mandato missionário: conciliando o trabalho e o anúncio do evangelho e o “fazendo discípulos”

Se é certo que todos os seres humanos são chamados a exercer o mandato cultural (se bem que os cristãos o façam em relação e em obediência a Deus) só os crentes em Jesus Cristo são chamados à missão de fazer discípulos de Cristo, de anunciar por palavras e por obras a Salvação em Jesus.

«E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado todo o poder no céu e na terra.

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.»
Mateus 28:18-20

- Missão como anúncio e demonstração de vida;

- Fazendo discípulos...de Cristo e não nossos ou da nossa confissão ou denominação;

- «Ensinando-os a guardar»: entre as coisas que se ensinam está o mandato cultural e o significado e propósito do trabalho;
- O Exemplo de Eric Lidl: «Sei que fui chamado para ser missionário na china...mas também Deus me fez veloz e quando corro sinto o Seu prazer» (filme baseado na realidade “Corrida para a Glória”, tradução do original “Chariots of Fire”);
- Redimindo e remodelando a tua área de estudos e ou profissional;
- Este mundo precisa de ver com os seus olhos que o Evangelho é boa nova, é esperança, é amor, e que é possível um outro modo de viver...e de trabalhar;
- Cristo mostrou essa diferença, foi a luz que brilhou na escuridão e agora envia-nos para, sem seu nome e na sua graça sermos e fazermos a diferença, mostramos que Deus existe e é poderoso para salvar e libertar;

Por isso, Jesus declarou (Mt. 5: 14):

«Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte»

- O critério decisivo de avaliação não é a nossa performance ou sucesso (nem preguiça nem perfeccionismo, mas empenho responsável). O que temos para oferecer é o espetáculo de vidas transformadas e em transformação, que mostram o brilho da glória de Deus;

« Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus(...) Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.» 2 Coríntios 4:5-7

- Quando com a nossa vida contribuímos para o bem-estar estamos a realizar a obra de Deus. Quando empreendemos, quando criamos postos de trabalho dignos, quando inventamos novas formas de combater a dor e de curar e aliviar os doentes, quando criamos soluções para apoiar os mais idosos ou as crianças de lares sem estrutura, quando investimos em meios de apoio aos solitários e aos sem-abrigo, quando criamos escolas e lecionamos com afinco e generosidade, quando procuramos formas de melhorar as condições dos hospitais e de trazer mais dignidade aos que estão em prisões, quando construímos mecanismos económicos e financeiros que melhorem as vidas sobretudo das pessoas e dos países mais pobres, quando criamos modos de desenvolvimento que respeitem o ambiente e a biodiversidade, quando temos posses ou somos homens ou mulheres de negócios e recusamos a lógica do mercado do lucro a todo o custo e já, de modo a não agravar a condição de vida de outros, em tudo isso estamos a participar do trabalho de Deus.

[Recomendação de livro e de artigo:

Mark Greene, *segunda-feira “graças a Deus”*, ed. portuguesa do GBU

Kent Miller, “Organizing With the Spirit”, artigo disponível na net em:

<https://christianscholars.com/organizing-with-the-spirit/>]

AS QUESTÕES PRÁTICAS ESSENCIAIS SÃO:

- 1) Que diferença faz haver cristãos estudantes e trabalhadores, empregados, empregadores, líderes, subordinados, empregados, desempregados no mundo? No meu local de trabalho? Na minha escola?
- 2) Qual o propósito de Deus para os meus estudos e/ou meu trabalho/ ocupação?